



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol 18, número 3, novembro, 2025, pág. 49-

Avaliação do desenvolvimento infantil e de suas experiências adversas em crianças de quatro a seis anos em uma escola privada nordestina

Evaluation of child development and adverse experiences in children aged four to six in a private school in the northeastern region

Evaluación del desarrollo infantil y experiencias adversas en niños de cuatro a seis años en una escuela privada de la región noreste

Francisca Tatiana Dourado Gonçalves¹

Maria de Nazareth Rodrigues Malcher de Oliveira Silva²

RESUMO

O desenvolvimento infantil é influenciado por fatores biológicos, sociais e emocionais, sendo a Educação Infantil fundamental para a construção das bases cognitivas, motoras e socioemocionais. Este estudo teve como objetivo conhecer o desenvolvimento infantil e as experiências adversas de crianças de quatro a seis anos que frequentam uma escola privada nordestina. Trata-se de uma pesquisa descritiva, transversal e quantitativa, utilizando pesquisa documental e dois protocolos: de Avaliação de situações adversas no desenvolvimento infantil e o inventário dimensional de avaliação do desenvolvimento infantil com familiares de 61 crianças de quatro a seis anos, de uma escola privada de ensino infantil. O perfil mostrou 72,13% das crianças com desenvolvimento típico no domínio cognitivo e 70,49% em comportamento adaptativo. Em contraste, 62,79% tiveram desempenho abaixo da média em linguagem expressiva e 55,74% em comunicação receptiva/expressiva. No domínio da motricidade ampla, 49,18% das crianças também apresentaram dificuldades. Em relação às situações adversas, os eventos mais recorrentes foram morte na família (32,79%), acidentes domésticos (29,51%) e separação parental (22,95%), revelando impactos potenciais no desenvolvimento

¹ Universidade Federal do Pará; Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5414-0381>; E-mail: tatyanadourado@yahoo.com.br

² Universidade Federal do Pará; Orcid: 0000-0003-4405-7378; E-mail: malchersilva@ufpa.br



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

e na aprendizagem. Conclui-se que dificuldades tanto no desenvolvimento quanto em vivências de situações adversas podem impactar no comportamento e na adaptação escolar das crianças; e que neste sentido, é relevante a identificação precoce desses fatores no cotidiano das práticas pedagógicas para intervenções eficazes no desenvolvimento e aprendizagem.

Palavras-chave: Desenvolvimento infantil; Experiências Adversas da Infância; Educação Infantil.

ABSTRACT

Child development is influenced by biological, social, and emotional factors, with early childhood education being fundamental for building the cognitive, motor, and socioemotional foundations. This study aimed to understand child development and the adverse experiences of children aged four to six attending a private school in the Northeast region of Brazil. This is a descriptive, cross-sectional, and quantitative study using documentary research and two protocols: the Assessment of Adverse Situations in Child Development and the Dimensional Inventory for Assessing Child Development with family members of 61 children aged four to six attending a private preschool. The profile showed that 72.13% of the children showed typical development in the cognitive domain and 70.49% in adaptive behavior. In contrast, 62.79% performed below average in expressive language and 55.74% in receptive/expressive communication. In the gross motor domain, 49.18% of the children also presented difficulties. Regarding adverse situations, the most frequent events were death in the family (32.79%), domestic accidents (29.51%), and parental separation (22.95%), revealing potential impacts on development and learning. It is concluded that difficulties in both development and experiences of adverse situations can impact children's behavior and school adaptation; therefore, early identification of these factors in daily pedagogical practices is crucial for effective interventions in development and learning.

Keywords: Child development; Adverse Childhood Experiences; Early childhood education.

RESUMEN

El desarrollo infantil se ve influenciado por factores biológicos, sociales y emocionales, siendo la educación infantil fundamental para la construcción de las bases cognitivas, motoras y socioemocionales. Este estudio tuvo como objetivo comprender el desarrollo infantil y las experiencias adversas de niños de cuatro a seis años que asisten a una escuela privada en la región noreste de Brasil. Se trata de un estudio descriptivo, transversal y cuantitativo que utiliza investigación documental y dos protocolos: la Evaluación de Situaciones Adversas en el



Desarrollo Infantil y el Inventario Dimensional para la Evaluación del Desarrollo Infantil, con familiares de 61 niños de cuatro a seis años que asisten a una escuela preescolar privada. El perfil mostró que el 72,13% de los niños mostró un desarrollo típico en el área cognitiva y el 70,49% en la conducta adaptativa. En contraste, el 62,79% tuvo un desempeño inferior al promedio en lenguaje expresivo y el 55,74% en comunicación receptiva/expresiva. En la área de motricidad gruesa, el 49,18% de los niños también presentó dificultades. En cuanto a las situaciones adversas, los eventos más frecuentes fueron fallecimiento en la familia (32,79%), accidentes domésticos (29,51%) y separación parental (22,95%), lo que revela posibles impactos en el desarrollo y el aprendizaje. Se concluye que las dificultades en el desarrollo y las experiencias de situaciones adversas pueden afectar el comportamiento y la adaptación escolar de los niños; por lo tanto, la identificación temprana de estos factores en las prácticas pedagógicas diarias es crucial para intervenciones efectivas en el desarrollo y el aprendizaje.

Palabras clave: Desarrollo infantil; Experiencias adversas en la infancia; Educación infantil temprana.

O desenvolvimento infantil é um processo multifatorial, influenciado por fatores biológicos, psicológicos e sociais, onde desde os primeiros anos de vida, ocorrem interações essenciais da criança com o ambiente, ocorrendo a construção de habilidades cognitivas, emocionais, motoras e de interações sociais. Sendo o cenário escolar, como a educação infantil, uma das bases do aprendizado e da socialização, impactando no desempenho acadêmico e no bem-estar ao longo da vida (Bowlby, 1980; Parkes, 2010).

Bronfenbrenner (1979), por meio de sua Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano, destacou que o desenvolvimento da criança ocorre em múltiplos sistemas interdependentes — do ambiente imediato da família até estruturas sociais mais amplas, como a escola, a comunidade e as políticas públicas. Situações adversas, como instabilidade familiar, pobreza, negligência ou violência, impactam diretamente o desenvolvimento infantil ao comprometerem os sistemas de suporte e cuidado. Quando esses sistemas falham em oferecer



proteção e previsibilidade, o desenvolvimento emocional e social da criança pode ser prejudicado de maneira significativa.

Garmezy (1985), precursor dos estudos sobre resiliência, enfatizou que a exposição a fatores de risco como privação econômica, conflito familiar e doenças mentais parentais está associada a maior probabilidade de desenvolvimento de psicopatologias. No entanto, ele também demonstrou que a presença de pelo menos uma figura adulta estável e afetuosa pode funcionar como fator protetivo. Para Garmezy, a capacidade da criança de adaptar-se mesmo em meio a adversidades está diretamente relacionada à qualidade das interações interpessoais e aos recursos oferecidos pelo ambiente.

Cicchetti e Toth (1995) desenvolveram uma perspectiva integrativa que combina psicopatologia do desenvolvimento e neurociência, apontando que experiências adversas precoces, como abuso e negligência, podem afetar o funcionamento cerebral e a regulação emocional da criança. Esses autores defendem que a adversidade vivenciada nos primeiros anos de vida pode alterar trajetórias de desenvolvimento, interferindo na construção de vínculos seguros, na linguagem, na cognição e na autoestima. Para eles, compreender o impacto dessas experiências exige uma abordagem multidimensional, que considere fatores biológicos, psicológicos e contextuais simultaneamente.

Amato (2000) e Emery (2004) apresentam exemplos de experiências adversas na infância, como: separação parental, violência doméstica, negligência e doenças crônicas; além disso, afirmam que fatores como estrutura familiar e condição socioeconômica influenciam no desenvolvimento neuropsicomotor e socioemocional de uma criança, podendo comprometer na regulação emocional, na adaptação social e no desempenho cognitivo.

No Brasil, estudos associam a vulnerabilidade social de crianças e exposição a múltiplos fatores de risco como desafios significativos adicionais na trajetória acadêmica e social de vida. Assim, mostra-se relevante compreender a relação entre experiências adversas e desenvolvimento infantil para subsidiar políticas



públicas e intervenções que reduzam os impactos dessas vivências (Evans, 2007; Edleson, 1999; Rutter, 2013).

Werner e Smith (1982), em seu estudo longitudinal na Ilha do Havaí, foram pioneiros ao demonstrar como a adversidade na infância pode ser superada por alguns indivíduos, desde que existam fatores de proteção adequados. Ao acompanharem cerca de 700 crianças por mais de 40 anos, identificaram que, embora muitas tenham enfrentado riscos significativos — como pobreza, instabilidade familiar e abuso — aproximadamente um terço delas apresentou trajetórias de desenvolvimento saudáveis. Segundo os autores, elementos como vínculo afetivo com cuidadores, temperamento flexível e suporte comunitário foram determinantes para promover resiliência frente à adversidade.

Michael Rutter (1979), em seus estudos sobre psicopatologia do desenvolvimento, analisou os efeitos da privação social severa sobre crianças institucionalizadas na Romênia e outros contextos. Ele demonstrou que quanto mais prolongada for a exposição à negligência, maior o impacto negativo sobre funções cognitivas, linguagem, controle emocional e apego. Rutter enfatizou que o efeito cumulativo das experiências adversas, especialmente em períodos sensíveis do desenvolvimento, pode comprometer a arquitetura neural e as bases do comportamento adaptativo. No entanto, ele também apontou que intervenções precoces e ambientes responsivos podem reverter parcialmente esses efeitos.

Este estudo teve como objetivo caracterizar o perfil sociodemográfico, do desenvolvimento e de situações adversas de crianças de uma instituição de educação infantil, e os impactos no desenvolvimento e aprendizagem.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, transversal e de natureza quantitativa não sistemático, no qual o pesquisador observou os fenômenos de interesse sem realizar qualquer interferência direta, limitando-se à coleta, classificação e descrição sistemática dos dados (Kramer, 1988).

A pesquisa ocorreu em uma unidade de educação básica da rede privada



situada na zona urbana de uma cidade do nordeste brasileiro; e foi realizado em três etapas: (i) estudo documental do perfil sociodemográfico das crianças; aplicação de dois protocolos, Inventário Dimensional de Avaliação do Desenvolvimento Infantil (IDADI) e formulário avaliação de situações adversas no desenvolvimento infantil.

A amostra foi por conveniência, baseado na acessibilidade e disponibilidade dos participantes, aplicando como critério de inclusão pais ou responsáveis legais de crianças regularmente matriculadas na educação infantil da unidade escolar, com idades entre 4 e 6 anos; e como critério de exclusão crianças com diagnósticos de transtornos mentais, neurológicos, síndromes genéticas, malformações congênitas ou outras condições que interferissem no desenvolvimento neuropsicomotor.

Participaram da pesquisa 61 colaboradores responsáveis pelas crianças matriculadas, nos meses de outubro a novembro de 2024, de forma voluntária por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os domínios avaliados incluem as áreas Cognitiva, Comportamento Adaptativo, Socioemocional, Motricidade Fina, Linguagem Expressiva, Comunicação e Linguagem Receptiva/Expressiva e Motricidade Ampla.

Os instrumentos de coleta de dados foram: (i) as fichas de matrícula das crianças fornecidas pela instituição de ensino, na qual foi levantado dados sócio-demográfico; (ii) o formulário de avaliação de situações adversas no desenvolvimento infantil, que é um protocolo composto por 22 itens voltados para indicar situações adversas por meio das opções "sim" ou "não"; e (iii) o Inventário Dimensional de Avaliação do Desenvolvimento Infantil (IDADI), desenvolvido por Silva, Mendonça Filho e Bandeira (2018), que avalia dimensões do desenvolvimento infantil, como cognição, linguagem expressiva e receptiva, habilidades motoras finas e grossas, desenvolvimento socioemocional e comportamento adaptativo, com respostas em uma escala ordinal esquemática e legendas, onde 0 = ainda não, 1 = às vezes e 2 = sim.

Os dados foram tratados utilizando o *software* estatístico SPSS, versão 26 e



realizou-se uma análise descritiva, utilizando frequência relativa e absoluta, e medida de tendência central.

Este estudo seguiu as Resoluções 466/12 e 510/2016 (Brasil, 2012, 2016) do Conselho Nacional de Pesquisas com Seres Humanos do Conselho Nacional de Saúde (CONEP/CNS), e foi aprovado sob o nº 6.918.608 pelo Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade de Brasília (CEP/ UnB).

RESULTADOS

Os resultados do estudo serão apresentados em três aspectos com reflexões à luz da literatura científica, contribuindo para a identificação de aspectos críticos e a proposição de estratégias de intervenção precoce: (i) quanto ao perfil sociodemográfico das crianças, evidenciando características que contextualizam sua realidade familiar, social e escolar; (ii) o perfil dos domínios associados ao desenvolvimento, organizados conforme o desempenho percebido pelos familiares; e (iii) e as situações adversas vivenciadas, agrupadas em categorias ambientais e físicas, a fim de identificar sua prevalência e possíveis implicações no processo de desenvolvimento e aprendizagem.

O perfil sociodemográfico das crianças do estudo foi ilustrado na Tabela 1.

Tabela 1. Perfil sociodemográfico das crianças

Variável	Características	N=61 (100%)
Nascimento	A termo	58 (95)
	Prematuro	03 (4,9)
Sexo	Masculino	36 (59)
	Feminino	25 (40)
Idade	4 a 5 anos	15 (24,6)
	Acima de 5 anos	46 (75,4%)
Área da residência	Urbana	59 (96,7)
	Rural	02 (3,2)
Tipo de moradia	Própria	45 (73,8)
	Alugada	15 (24,6)
	Cedida	1 (1,6)



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Religião	Católica	38 (62,3)
	Evangélica	19 (31,2)
	Nenhuma	3 (4,9)
	Espírita	1 (1,6)
Irmãos	Nenhum	22 (36,1)
	Até 3 irmãos	39 (63,9)
Frequentou outra escola	Não	34 (55,7)
	Sim	27 (44,2)
Recebeu acompanhamento de profissionais de saúde ou educação	Não	48 (78,6)
	Sim	13 (21,3)

Fonte: Pesquisa (2024).

No perfil sociodemográfico mostrou uma prevalência de crianças, nascimento a termo (95,08%), sem histórico de prematuridade, do sexo masculino (59,02%), com idade de acima de 5 anos (75,4%), que reside na zona urbana (96,72%), em casa própria (73,77%), religião católica da família (62,30%), possuem até 3 irmãos (63,9%), que não frequentou outra escola (55,74%) e que não recebeu até o momento acompanhamento com profissional de saúde ou educação (78,6%).

O resultado do perfil dos predomínios nos domínios do desenvolvimento das crianças a partir das percepções dos familiares foi ilustrado por um ranking apontando as respostas da média- típico, superior e abaixo da média, destacando crianças acima e abaixo do desenvolvimento infantil, sob algum aspecto relevante (Tabela 2).

Tabela 2. Ranking dos domínios do desenvolvimento infantil das crianças do estudo a partir das percepções dos familiares.

Ranking	Domínio	Categoria	Nº de Crianças	%
1	Cognitivo	Média-Típico	44	72,13%
		Superior	9	14,75%



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Ranking	Domínio	Categoria	Nº de Crianças	%
2	Comportamento Adaptativo	Abaixo da Média	8	13,11%
		Média-Típico	43	70,49%
		Abaixo da Média	17	27,87%
		Superior	1	1,64%
3	Socioemocional	Média-Típico	41	67,21%
		Abaixo da Média	17	27,87%
		Superior	3	4,92%
4	Motricidade Fina	Média-Típico	41	67,21%
		Abaixo da Média	18	29,51%
		Superior	2	3,28%
5	Linguagem Expressiva	Abaixo da Média	27	62,79%
		Média-Típico	12	27,91%
		Superior	4	9,30%
6	Comunicação e Linguagem Receptiva/Expressiva	Abaixo da Média	34	55,74%
		Média-Típico	23	37,70%
		Superior	4	6,56%
7	Motricidade Ampla	Abaixo da Média	30	49,18%
		Média-Típico	24	39,34%



Ranking	Domínio	Categoria	Nº de Crianças	%
		Superior	7	11,48%

Fonte: Autores (2024).

De um modo geral há padrões de crianças abaixo e superior da média em todos os domínios do desenvolvimento das crianças. Entretanto, observou-se um predomínio abaixo da média na linguagem expressiva (62,79%) e superior no domínio cognitivo (14,75%).

O ranking dos resultados apresentaram predomínios nas respostas nas categorias sob dois principais grupos de crianças: (i) as que ficaram entre média típica nos domínios como cognitivo (72,13%) e comportamento adaptativo (70,49%), indicando um padrão de desenvolvimento dentro do esperado; e (ii) aquelas abaixo da média em domínios da linguagem.

Além disso, há uma prevalência de crianças com desempenho abaixo da média na linguagem expressiva (62,79%) e em comunicação e linguagem receptiva/expressiva (55,74%), indicando a necessidade de maior atenção à estimulação linguística, pois impactam diretamente na aprendizagem e na interação social.

Enquanto que a motricidade ampla também apresentou proporção considerável de crianças com desempenho inferior ao esperado (49,18%), reforçando a importância de estratégias que promovam o desenvolvimento motor e corporal no contexto educacional e ambiente escolar.

Os resultados das situações adversas vivenciadas pelas crianças foram citadas pelos familiares e ilustradas por meio de um ranqueamento organizados em dois contextos similares principais: (i) o ambiental, ou seja, aquelas advindas do meio externo em que a criança está inserida, envolvendo por exemplo, perdas, rupturas familiares e ambientes hostis, nos quais ocorrem um impacto emocional significativo; e (ii) o físico, relacionados a danos corporais, como doenças,



tratamentos prolongados e acidentes como, quedas, fraturas, cortes ou queimaduras, afetando diretamente a saúde física e o bem-estar das crianças (Tabela 3).

Tabela 3. Ranqueamento da exposição infantil nas situações adversas sob a percepção dos familiares

Contexto	Situação Adversa	N: 61 (%)
Ambiental	Morte na família	20 (32,79%)
	Separação parental	14 (22,95%)
	Violência física/verbal	11 (18,03%)
	Conflitos com álcool/drogas	3 (4,92%)
	Desastres naturais	2 (3,28%)
	Deixadas sozinhas sem supervisão	1 (1,64%)
Físico	Acidentes domésticos	18 (29,51%)
	Quedas com fraturas/cortes	13 (21,31%)
	Queimaduras	8 (13,11%)
	Acidentes de trânsito	7 (11,48%)
	Cirurgias	5 (8,20%)
	Tratamento prolongado	3 (4,92%)

Fonte: Pesquisa (2024).

As situações adversas vivenciadas pelas crianças neste estudo foram predominantemente de natureza ambiental e física, destacando-se em especial: (i) a exposição à morte na família, com uma prevalência de 32,79%; (ii) os acidentes domésticos, presentes em 29,51% dos casos; e (iii) a separação parental, relatada por 22,95% das crianças. Outras experiências também foram identificadas, embora com menor frequência, como quedas com fraturas ou cortes (21,31%), violência física ou verbal (18,03%), queimaduras (13,11%), acidentes de trânsito (11,48%), cirurgias (8,20%), conflitos com álcool e drogas (4,92%), tratamentos prolongados (4,92%), desastres naturais (3,28%) e situações em que as crianças foram



deixadas sozinhas sem supervisão (1,64%). Esses dados evidenciam a diversidade e a intensidade das adversidades enfrentadas na infância, reforçando a necessidade de estratégias intersetoriais de cuidado e proteção ao desenvolvimento infantil.

Além disso, observou-se que as situações adversas vivenciadas pelas crianças, tanto no contexto ambiental como no físico demonstra a complexidade que afeta diretamente, sob algum enfoque, no domínio do desenvolvimento das crianças, como por exemplo na prevalência encontrada na linguagem expressiva (62,79%), na comunicação e linguagem receptiva/expressiva (55,74%), gerando um fator de risco a aprendizagem e interação social.

Portanto, as situações adversas vivenciadas pelas crianças compõem uma dinâmica complexa no desenvolvimento, na interação, na aprendizagem em um ciclo vicioso de consequências desastrosas, destacando a necessidade de atenção integral biopsicossocial no campo da educação.

DISCUSSÃO

Pelos dados, o indicativo de que a maioria das crianças está em desenvolvimento dentro dos parâmetros esperados, enquanto um pequeno grupo pode apresentar necessidades específicas de apoio. Vê-se que 95,08% não nasceu prematuramente, sugerindo que, em termos de desenvolvimento inicial, o grupo não enfrenta os desafios típicos da prematuridade. Os dados apresentados oferecem uma análise abrangente do perfil sociodemográfico das crianças e de seus responsáveis, revelando informações importantes sobre fatores como sexo, histórico de nascimento prematuro, condições de saúde e busca por atendimentos especializados. Além disso, o levantamento das preocupações expressas pelos responsáveis sobre o desenvolvimento infantil destaca áreas que podem demandar maior acompanhamento. Esses achados são fundamentais para compreender o contexto no qual as crianças estão inseridas e fornecem subsídios para melhor entendimento das variáveis que podem influenciar o desenvolvimento neuropsicomotor e emocional no ambiente escolar.



A avaliação do desenvolvimento infantil é processo essencial para compreender o progresso das crianças em diferentes áreas. Os resultados obtidos demonstram variações significativas no desenvolvimento infantil, refletindo tanto os aspectos esperados para a classificação dentro da média quanto os domínios que apresentaram desenvolvimento abaixo do esperado para a idade. Essas informações são determinantes para orientar intervenções pedagógicas e terapêuticas que promovam desenvolvimento mais pleno e equilibrado.

O perfil sociodemográfico das crianças indica um grupo majoritariamente nascido a termo, com predominância do sexo masculino, residindo em áreas urbanas e em moradias próprias. Esses dados refletem certa estabilidade social e habitacional, o que, teoricamente, poderia favorecer condições mais adequadas para o desenvolvimento infantil. No entanto, o fato de a maioria não estar inserida em acompanhamento especializado em saúde ou educação levanta hipóteses sobre possíveis lacunas na detecção precoce de dificuldades. A ausência de suporte técnico contínuo pode dificultar a identificação de atrasos ou alterações sutis no desenvolvimento, sobretudo em fases críticas como a primeira infância, em que intervenções precoces são fundamentais para prevenir desfechos negativos (Bolhuis et al., 2024).

A aprendizagem na infância é resultado da interação entre aspectos biológicos, emocionais, sociais e ambientais. Para que o processo educativo ocorra de forma eficaz, é necessário que a criança esteja em condições adequadas de desenvolvimento nas áreas cognitivas, linguísticas, motoras e socioemocionais (Pérez-Navarro & Lallier, 2025). Quando essas dimensões se desenvolvem de forma integrada, a criança demonstra maior capacidade de atenção, memória, resolução de problemas e comunicação — habilidades essenciais para acompanhar as propostas pedagógicas. Por isso, é importante que os educadores estejam atentos a sinais precoces de dificuldades, de modo a adaptar suas práticas às necessidades de cada aluno e promover um ambiente mais inclusivo e estimulante (Combs & Higgins, 2024).



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

A literatura aponta que os primeiros anos de vida representam uma janela de oportunidades para o desenvolvimento das habilidades que sustentam a aprendizagem. Segundo Vygotsky (1934), a aprendizagem se dá por meio da mediação social e das interações com o outro, o que reforça o papel da escola como espaço de estímulo, apoio e desenvolvimento integral. Quando a criança apresenta fragilidades em alguma área do desenvolvimento — seja por fatores internos ou externos —, essas lacunas podem se refletir em sua capacidade de construir conhecimentos e participar ativamente das atividades escolares. Assim, compreender o perfil de desenvolvimento dos alunos é essencial para a elaboração de intervenções pedagógicas mais eficazes e personalizadas (Erdemir & Brutt-Griffler, 2022).

Em termos de estrutura familiar, a maioria das crianças vive em contextos com poucos irmãos, o que pode representar maior disponibilidade de atenção individualizada dos cuidadores. A presença de menos crianças no núcleo familiar pode, em alguns casos, favorecer interações mais diretas com os adultos e maior estimulação nas atividades do cotidiano (Dossey, Clopper & Wagner, 2020). No entanto, isso também pode indicar menor convivência com pares, reduzindo oportunidades para o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais, especialmente se não houver inserção precoce em contextos escolares ou comunitários. A qualidade das interações familiares, mais do que o número de membros, é decisiva para o fortalecimento do vínculo afetivo e para a construção da autonomia e da linguagem (Jia, 2021).

Em relação aos domínios do desenvolvimento, as crianças apresentaram um padrão predominantemente típico em aspectos cognitivos e de comportamento adaptativo, o que sugere uma boa resposta a estímulos do ambiente imediato e uma funcionalidade adequada no cotidiano. Esses resultados indicam que, de maneira geral, o grupo possui repertório para organizar rotinas, seguir instruções e interagir com o meio de forma satisfatória. Ainda assim, a presença de casos com desempenho abaixo do esperado em todos os domínios reforça a importância de práticas pedagógicas diferenciadas e planejadas, capazes de contemplar crianças



com diferentes ritmos e estilos de aprendizagem. A identificação dessas variações permite a criação de estratégias educativas mais inclusivas e efetivas (Li et al., 2023).

No domínio cognitivo, a maioria das crianças apresentou desenvolvimento esperado para a idade, com uma parte significativa exibindo habilidades superiores. Entretanto, um grupo menor apresentou desempenho abaixo da média, sugerindo a necessidade de intervenções focadas na estimulação de aspectos cognitivos essenciais (Beisly & Lake, 2021).

O domínio da linguagem expressiva e receptiva, por sua vez, apresentou-se como uma das áreas com maior número de dificuldades percebidas. Isso aponta para desafios significativos na comunicação, que podem comprometer tanto a expressão oral quanto a compreensão de mensagens. Tais dificuldades impactam diretamente na aprendizagem escolar, na construção da autoestima e na mediação de conflitos, já que a linguagem é mediadora central das relações sociais e da aquisição do conhecimento (Miller, 2022). Crianças que não conseguem expressar-se adequadamente tendem a apresentar comportamentos de evitação, frustração ou agitação, sendo muitas vezes interpretadas erroneamente como desinteressadas ou desobedientes. Daí a importância de estratégias específicas de estimulação linguística desde os primeiros anos escolares (Black et al., 2019).

Em relação ao comportamento adaptativo, a grande maioria das crianças demonstrou adaptação funcional ao ambiente escolar e social. No entanto, um número considerável de crianças apresentou dificuldades nesse aspecto, o que aponta para a importância de estratégias que promovam a adaptação ao cotidiano, como o desenvolvimento de habilidades práticas e sociais (Murray et al., 2024). O domínio socioemocional também seguiu padrão semelhante: a maioria apresentou habilidades adequadas para interações sociais, enquanto uma parcela considerável indicou a necessidade de apoio para melhorar a regulação emocional e a interação com os outros (Yildiz & Uzundag, 2024).

A motricidade ampla e fina também revelaram áreas que requerem atenção, especialmente a ampla, que envolve movimentos corporais mais globais e é



essencial para o desenvolvimento físico e psicomotor. A falta de espaços adequados para atividades motoras, o uso excessivo de tecnologias digitais e a redução do tempo de brincadeiras livres podem estar relacionados a esse cenário (Dore et al., 2023). Além disso, dificuldades motoras podem gerar limitações na participação de atividades escolares, como jogos e brincadeiras coletivas, e afetar o engajamento da criança no ambiente pedagógico. A motricidade fina, por sua vez, é diretamente implicada em tarefas como escrever, desenhar e recortar, sendo sua estimulação fundamental para o desempenho em sala de aula e para a autonomia nas atividades da vida diária (Khng & Ng, 2021).

A motricidade fina, embora predominantemente dentro do esperado, revelou dificuldades mais evidentes em algumas crianças, o que pode interferir no desempenho em atividades escolares que demandam controle motor fino. De modo similar, a motricidade ampla mostrou desafios em algumas crianças, refletindo uma área importante a ser considerada para a promoção do desenvolvimento motor global (Markfeld et al., 2023).

A comunicação expressiva e a linguagem receptiva/expressiva foram os domínios com os maiores desafios, pois uma quantidade considerável de crianças apresentou dificuldades nessas áreas. Isso destaca a necessidade urgente de estratégias interventivas direcionadas à estimulação da linguagem, essencial para o desenvolvimento acadêmico e social das crianças (Chan & Rao, 2025).

Dificuldades nesses domínios podem comprometer a alfabetização, uma vez que a aquisição da leitura e da escrita depende de uma base linguística sólida. Crianças que enfrentam déficits na linguagem expressiva podem ter dificuldades em articular ideias, impactando sua capacidade de participar ativamente das atividades escolares (Zhang et al., 2024). Além disso, desafios na linguagem receptiva podem dificultar a compreensão de instruções e conteúdos pedagógicos, prejudicando o desempenho acadêmico (Telias, Narea & Abufhele, 2022).

No âmbito social, limitações na comunicação podem afetar a construção de vínculos interpessoais, reduzindo oportunidades de interação e colaboração com colegas e professores. Dessa forma, a identificação precoce dessas dificuldades e



a implementação de intervenções adequadas são fundamentais para minimizar impactos negativos a longo prazo no desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças (Richards et al., 2021).

As situações adversas de natureza ambiental, como perda de familiares, separações parentais e exposição à violência doméstica, demonstram que muitas crianças já vivenciaram eventos com potencial desorganizador em suas trajetórias. Essas experiências podem afetar profundamente a estabilidade emocional, o senso de segurança e a capacidade de vinculação afetiva (Prasanna et al., 2024). A forma como a criança compreende e processa tais eventos depende da rede de apoio disponível, da qualidade das relações com os adultos e da presença de espaços de escuta e acolhimento. A escola, nesse contexto, pode ser uma rede protetora essencial, desde que haja sensibilidade por parte dos educadores e um olhar atento para os sinais de sofrimento emocional, como retraimento, agressividade ou dificuldades de aprendizagem (Adamovic et al., 2022).

As adversidades físicas, como acidentes domésticos, lesões e internações médicas, também aparecem com destaque na amostra analisada. Esses eventos não apenas envolvem o sofrimento físico, mas também podem gerar impactos emocionais duradouros, sobretudo quando não acompanhados de suporte psicológico adequado. Crianças que enfrentam situações de dor, hospitalização ou tratamentos prolongados tendem a desenvolver medos, ansiedade e resistência a ambientes que remetam ao evento traumático. É essencial que, após tais experiências, haja estratégias de reabilitação emocional, com apoio da família e da escola, para que a criança possa ressignificar o ocorrido e retomar o seu desenvolvimento com segurança (Luo et al., 2019).

A literatura evidencia que acidentes domésticos, como queimaduras ou quedas, não apenas resultam em trauma físico, mas também podem gerar consequências psicológicas significativas, incluindo transtornos de estresse pós-traumático (Sadeh, 2004). Além disso, a separação parental tem sido associada a um aumento no risco de transtornos emocionais e comportamentais, como



depressão e ansiedade, com efeitos persistentes na regulação emocional e no desenvolvimento social das crianças (Amato, 2000; Emery, 2004).

A associação entre vivências adversas e dificuldades no desenvolvimento foi evidente na amostra analisada. A coexistência de desafios emocionais e atrasos em domínios como linguagem e motricidade aponta para a necessidade de uma abordagem integrada, que considere os múltiplos fatores que interferem na aprendizagem e no comportamento infantil. Experiências adversas não processadas adequadamente podem se manifestar como dificuldades escolares, problemas de socialização e alterações no autoconceito. Dessa forma, é fundamental que as instituições educativas adotem uma postura preventiva, identificando precocemente sinais de sofrimento e promovendo ações de apoio psicopedagógico, em articulação com as famílias e serviços especializados.

A exposição à violência física e verbal foi identificada em 18,03% das crianças, o que levanta preocupações em relação ao impacto psicológico dessa adversidade. A violência doméstica, seja física ou verbal, tem sido amplamente reconhecida como um fator de risco para o desenvolvimento de transtornos emocionais, incluindo depressão, ansiedade e agressividade (Evans, 2007; Edleson, 1999). Tais experiências adversas prejudicam a capacidade de a criança estabelecer relações interpessoais saudáveis e de desenvolver mecanismos de enfrentamento adequados diante de adversidades.

Em geral, os resultados indicam que, embora a maioria das crianças apresente um desenvolvimento adequado em diversos domínios, há áreas específicas que exigem intervenções direcionadas, especialmente em relação à comunicação e motricidade. Identificar essas necessidades precocemente e aplicar intervenções apropriadas pode ser primordial para apoiar o desenvolvimento integral das crianças.

A análise dos dados revela que uma proporção considerável das crianças estudadas foi exposta a diversas situações adversas, refletindo uma série de experiências com potencial de impacto em seu desenvolvimento. A morte na família foi a situação adversa mais prevalente, afetando aproximadamente um terço da



amostra. Estudos sugerem que a perda de um ente querido, especialmente em crianças, pode resultar em distúrbios emocionais significativos, incluindo dificuldades na regulação emocional, ansiedades separativas e problemas no desenvolvimento de vínculos (Bowlby, 1980; Parkes, 2010). A perda precoce de pais ou cuidadores é frequentemente associada a problemas comportamentais e emocionais, com implicações no desempenho acadêmico e na adaptação social (Masten, 2014).

Os resultados da pesquisa evidenciam que dificuldades em domínios como linguagem expressiva e receptiva podem comprometer diretamente o processo de aprendizagem das crianças. A linguagem é a principal ferramenta de mediação simbólica no contexto escolar, sendo essencial tanto para a construção do pensamento quanto para a interação social. Crianças com déficits linguísticos enfrentam obstáculos na compreensão de instruções, na expressão de ideias e no acompanhamento das atividades propostas em sala de aula. Isso pode resultar em baixo rendimento, sentimento de frustração e afastamento progressivo das interações escolares, prejudicando não apenas o desempenho acadêmico, mas também a autoestima e o vínculo com o ambiente educativo (Delehanty et al., 2024).

A motricidade, tanto fina quanto ampla, também se relaciona com a aprendizagem, especialmente nas fases iniciais da educação infantil, em que o corpo é elemento central das atividades pedagógicas. Dificuldades na motricidade fina podem interferir no uso adequado de materiais escolares, como lápis, tesoura e tintas, dificultando tarefas de escrita, desenho e colagem (Kolak, Monaghan & Taylor, 2022). Já a motricidade ampla influencia a organização espacial, o equilíbrio e a coordenação, impactando o engajamento em brincadeiras estruturadas, jogos educativos e atividades em grupo. Dessa forma, o atraso motor pode limitar a participação da criança, reduzir seu envolvimento com a rotina escolar e afetar a construção de aprendizagens significativas (McNeill et al., 2025).

Além das habilidades desenvolvimentais, a presença de situações adversas, como luto, separação parental ou violência, pode gerar impactos emocionais que



interferem na aprendizagem. Crianças que vivenciam essas experiências podem apresentar quadros de ansiedade, desatenção, retraimento ou comportamento desafiador, dificultando sua adaptação ao ambiente escolar (Tang et al., 2024). A literatura aponta que o sofrimento emocional não elaborado pode desorganizar o comportamento da criança e afetar sua capacidade de concentração, memorização e resolução de problemas. Diante disso, é essencial que a escola compreenda a aprendizagem como um processo atravessado por fatores emocionais, sociais e familiares, adotando uma abordagem sensível e integrada que reconheça os efeitos das experiências adversas no desempenho escolar (Pewa & Mzimela, 2024).

Diversos estudos apontam o predomínio de atrasos no desenvolvimento de habilidades fundamentais como a linguagem expressiva, a comunicação interpessoal e a motricidade ampla entre crianças que vivenciam contextos de vulnerabilidade. Fatores como ambiente familiar empobrecido, práticas parentais passivas e baixa estimulação verbal influenciam negativamente o desempenho dessas crianças nos primeiros anos de vida (Luo et al., 2019; Zhang et al., 2024). Em investigações longitudinais, evidenciou-se que crianças com menor exposição a interações linguísticas no ambiente domiciliar apresentaram desempenho abaixo da média em tarefas de vocabulário e expressão oral (Beisly & Lake, 2021; Pérez-Navarro & Lallier, 2025). Além disso, limitações na motricidade ampla também foram observadas, especialmente em contextos onde há carência de oportunidades para o desenvolvimento corporal e lúdico, o que compromete a prontidão escolar e a adaptação às rotinas da educação infantil (Khng & Ng, 2021).

As consequências da exposição a situações adversas na infância, como violência doméstica, negligência, pobreza e instabilidade familiar, repercutem de forma significativa no comportamento, nas relações sociais e no desenvolvimento intelectual das crianças em idade escolar. Estudos clássicos e contemporâneos demonstram que tais experiências aumentam a vulnerabilidade a transtornos emocionais, dificuldades de autorregulação, comprometimento da atenção e da aprendizagem (Cicchetti & Toth, 1995; Evans, 2007; Amato, 2000). No ambiente escolar, essas manifestações podem ser interpretadas como desinteresse,



agressividade ou apatia, quando, na verdade, expressam respostas adaptativas ao sofrimento psíquico acumulado (Edleson, 1999; Emery, 2004). Isso compromete não apenas o desempenho acadêmico, mas também as relações com colegas e professores, intensificando o ciclo de exclusão social e escolar.

Diante desse cenário, os resultados reunidos podem subsidiar reflexões relevantes para a construção de práticas mais acolhedoras e eficazes no contexto educacional. A literatura aponta a importância de estratégias interdisciplinares que incluam programas de apoio socioemocional, mediação de conflitos, práticas pedagógicas responsivas e parcerias com famílias e profissionais da saúde (Chan & Rao, 2025; Dore et al., 2023). Além disso, ações simples como o incentivo à leitura compartilhada, atividades de movimento e expressão corporal, bem como a criação de espaços seguros para escuta e diálogo, mostram-se eficazes na promoção do desenvolvimento integral e na prevenção de agravos futuros (Combs & Higgins, 2024; Masten, 2014). Assim, a escola pode se consolidar como espaço de resiliência, contribuindo para romper os efeitos cumulativos da adversidade na trajetória de crianças em situação de risco.

Uma limitação desta pesquisa diz respeito ao delineamento transversal e ao uso de instrumentos baseados na percepção dos responsáveis, o que pode introduzir viés subjetivo nas respostas, especialmente no que se refere à avaliação do desenvolvimento e à identificação de situações adversas. Além disso, a amostra foi composta por crianças de uma única instituição privada de educação infantil, localizada em área urbana, o que restringe a generalização dos resultados para outras realidades socioeconômicas e educacionais, como instituições públicas ou contextos rurais. A ausência de acompanhamento clínico ou observacional direto das crianças também limitou a profundidade da análise diagnóstica em alguns domínios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Este estudo reforça a importância da identificação precoce de fatores que possam comprometer o desenvolvimento infantil, evidenciando que o acompanhamento sistemático e a escuta qualificada de familiares e educadores são estratégias fundamentais para o planejamento de intervenções eficazes. Os dados apontaram que, embora muitas crianças apresentem desempenho compatível com a média em domínios como cognição e comportamento adaptativo, há fragilidades significativas nos aspectos da linguagem e da motricidade, o que pode impactar diretamente a aprendizagem escolar, a socialização e a autonomia da criança no ambiente educativo.

A relação entre dificuldades no desenvolvimento e a exposição a experiências adversas, como perdas familiares, separações e episódios de violência, evidencia a necessidade de práticas pedagógicas sensíveis ao contexto emocional e social em que cada criança está inserida. Tais experiências, quando não reconhecidas e acolhidas, podem interferir na capacidade de concentração, na expressão verbal e na formação de vínculos afetivos, elementos essenciais para o processo de aprendizagem. Nesse sentido, torna-se indispensável que escolas, famílias e profissionais da saúde atuem de forma integrada, promovendo ambientes educativos acolhedores e estruturados para o desenvolvimento integral.

Além de contribuir para o entendimento das múltiplas variáveis que influenciam o desenvolvimento infantil, este estudo destaca a urgência de políticas públicas que considerem não apenas a ampliação do acesso à educação infantil, mas também a qualidade das interações pedagógicas e o suporte psicossocial necessário para crianças em situação de vulnerabilidade. Recomenda-se que futuras pesquisas aprofundem a relação entre fatores socioeconômicos, desenvolvimento e aprendizagem, possibilitando o delineamento de estratégias cada vez mais precisas, acessíveis e contextualizadas à realidade das instituições de ensino e das famílias atendidas.

REFERÊNCIAS



- Adamović, T., Jurišić Škevin, A., Madić, D., Sovilj, M., Jeličić, L., Maksimović, S., & Subotić, M. (2022). Head righting reflex in newborns as the predictive factor of early child development: A longitudinal study. *Early Child Development and Care*, 192(5), 748–760. <https://doi.org/10.1080/03004430.2020.1798419>
- Amato, P. R. (2000). The consequences of divorce for adults and children. *Journal of Marriage and Family*, 62(4), 1269–1287. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2000.01269.x>
- Beisly, A. H., & Lake, V. E. (2021). Knowledge of child development: Associations among pre service teachers' level of education and work experience. *Journal of Early Childhood Research*, 19(2), 195–210. <https://doi.org/10.1177/1476718X20942948>
- Black, M. M., Yimgang, D. P., Hurley, K. M., Harding, K. B., Fernandez Rao, S., Balakrishna, N., Radhakrishna, K. V., Reinhart, G. A., & Nair, K. M. (2019). Mechanisms linking height to early child development among infants and preschoolers in rural India. *Developmental Science*, 22(5), e12806. <https://doi.org/10.1111/desc.12806>
- Bolhuis, E., et al. (2024). War exposure prior to conception: Longitudinal associations between maternal emotional distress and child sleep 10 years later. *International Journal of Behavioral Development*, 48(3), 191–199. <https://doi.org/10.1177/01650254231215063>
- Bowlby, J. (1980). *Loss: Sadness and depression* (Vol. 3, Attachment and Loss). New York, NY: Basic Books.
- Brasil. (2012). Lei nº 12.594, de 18 de janeiro de 2012. Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase) e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 19 de janeiro de 2012.
- Brasil. Ministério da Educação. (2016). *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Chan, Y. Y., & Rao, N. (2025). Home and preschool influences on early child development of Chinese and South Asian children in Hong Kong. *Early Childhood Education Journal*, 53(1), 245–260. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1007/s10643-023-01589-2>
- Cicchetti, D., & Toth, S. L. (1995). A developmental psychopathology perspective on child abuse and neglect. *Journal of the American Academy of Child and*



Adolescent Psychiatry, 34(5), 541–565. <https://doi.org/10.1097/00004583-199505000-00008>

Combs, S., & Higgins, K. N. (2024). The relationship between shared picturebook reading and language development in young children. *Early Childhood Education Journal*, 52(7), 1725–1735. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1007/s10643-023-01611-7>

Beisly, A. H., & Lake, V. E. (2021). Knowledge of child development: Associations among pre-service teachers' level of education and work experience. *Journal of Early Childhood Research*, 19(2), 195–210. <https://doi.org/10.1177/1476718X20942948>

Delehanty, A., Marra, L., Catao, M., O'Connor, K., & Ricciardi, M. (2024). Student family navigators promoting language development in infants and toddlers from lower-income families. *Teaching and Learning in Communication Sciences & Disorders*, 8(3). 10.61403/2689-6443.1329

Dore, R. A., et al. (2023). The interplay among parents' stress, nonparental childcare, and child language development among low-income toddlers. *Early Education and Development*, 34(6), 1447–1457. <https://doi.org/10.1080/10409289.2022.2106767>

Dossey, E., Clopper, C. G., & Wagner, L. (2020). The development of sociolinguistic competence across the lifespan: Three domains of regional dialect perception. *Language Learning and Development*, 16(4), 330–350. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1080/15475441.2020.1784736>

Edleson, J. L. (1999). Children's witnessing of adult domestic violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 14(8), 839–870. <https://doi.org/10.1177/088626099014008003>

Emery, R. E. (2004). *The truth about children and divorce: Dealing with the emotions so you and your children can thrive*. New York, NY: Viking.

Erdemir, E., & Brutt-Griffler, J. (2022). Vocabulary development through peer interactions in early childhood: A case study of an emergent bilingual child in preschool. *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, 25(3), 834–865. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1080/13670050.2020.1722058>

Evans, G. W. (2016). Childhood poverty and adult psychological well-being. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 104(16), 6501–6506. <https://doi.org/10.1073/pnas.1604756114>



- Garmezy, N. (1985). Stress-resistant children: The search for protective factors. In J. E. Stevenson (Ed.), *Recent research in developmental psychopathology* (pp. 49–74). Oxford, UK: Pergamon Press.
- Jia, L. (2021). Christian values education and holistic child development from the parent perspective in Santiago City, Philippines. *Southeast Asia Early Childhood*, 10(1), 86–100. <https://doi.org/10.37134/saecj.vol10.1.8.2021>
- Khng, K.-H., & Ng, E.-L. (2021). Fine motor and executive functioning skills predict maths and spelling skills at the start of kindergarten: A compensatory account (La motricidad fina y las funciones ejecutivas predicen las competencias en matemáticas y lengua escrita al comienzo de la etapa preescolar: una propuesta compensatoria). *Journal for the Study of Education and Development*, 44(3), 675–718. <https://doi.org/10.1080/02103702.2021.1897232>
- Kolak, J., Monaghan, P., & Taylor, G. (2022). Language in educational apps for pre-schoolers: A comparison of grammatical constructions and psycholinguistic features in apps, books and child-directed speech. *Journal of Child Language*, 50(4), 895–921. <https://doi.org/10.1017/S0305000922000198>
- Kramer, L. (1988). Differential effects of divorce on children. *Family Relations*, 37(3), 289–296.
- Li, C., Hart, E. R., Duncan, R. J., & Watts, T. W. (2023). Bi-directional relations between behavioral problems and executive function: Assessing the longitudinal development of self-regulation. *Developmental Science*, 26(3), e13331. <https://doi.org/10.1111/desc.13331>
- Luo, R., Jia, F., Yue, A., Zhang, L., Lyu, Q., & Shi, Y. (2019). Passive parenting and its association with early child development. *Early Child Development and Care*, 189(10), 1709–1723. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1080/03004430.2017.1407318>
- Markfeld, J. E., et al. (2023). Associations between caregiver stress and language outcomes in infants with autistic and non-autistic siblings: An exploratory study. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research*, 66(1), 190–205. https://doi.org/10.1044/2022_jslhr-22-00154
- Masten, A. S. (2014). *Ordinary magic: Resilience in development*. New York, NY: Guilford Press.
- McNeill, B., et al. (2025). Trajectories of language development, cognitive flexibility and phoneme awareness knowledge in early childhood. *International Journal*



of Language & Communication Disorders, 60(1).
<https://doi.org/10.1111/1460-6984.13139>

Miller, A. L. (2022). Environmental contaminants and child development: Developmentally-informed opportunities and recommendations for integrating and informing child environmental health science. *New Directions for Child and Adolescent Development*. <https://doi.org/10.1002/cad.20479>

Murray, J., et al. (2024). Effects of two early parenting programmes on child aggression and risk for violence in Brazil: A randomised controlled trial. *Prevention Science*, 25(5), 834–848. <https://doi.org/10.1007/s11121-024-01698-3>

Parkes, C. M. (2010). *Love and loss: The roots of grief and its complications*. London: Routledge.

Pérez-Navarro, J., & Lallier, M. (2025). The contribution of the amount of linguistic exposure to bilingual language development: Longitudinal evidence from preschool years. *Child Development*, 96(1), 176–191. <https://doi.org/10.1111/cdev.14164>

Pewa, N. P., & Mzimela, J. (2024). Early childhood development educators' perceptions of learners' readiness for Grade R. *South African Journal of Childhood Education*, 14(1). <https://doi.org/10.4102/sajce.v14i1.1234>

Prasanna, A., Anil, M. A., & Bajaj, G. (2024). Teacher's practice and perception of the influence of stories during preschool child development: A cross-sectional study from ethnically diverse South Indian city. *Child Language Teaching and Therapy*, 40(1), 5–23. <https://doi.org/10.1177/02656590241228419>

Richards, B., et al. (2021). Early childhood education, language of instruction, and child development in Myanmar: Comparisons among ethnolinguistic groups. *Early Education and Development*, 32(3), 421–442. <https://doi.org/10.1080/10409289.2020.1755179>

Rutter, M. (1979). Protective factors in children's responses to stress and disadvantage. In M. W. Kent & J. E. Rolf (Eds.), *Primary prevention of psychopathology: Social competence in children* (pp. 49–74). Hanover, NH: University Press of New England.

Rutter, M. (2013). Annual research review: Resilience – Clinical implications. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 54(4), 474–487. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2012.02615.x>



- Sadeh, A. (2004). A brief screening questionnaire for infant sleep problems: Validation and findings for an Internet sample. *Pediatrics*, 113(6), e570–e577. <https://doi.org/10.1542/peds.113.6.e570>
- Silva, M. A. da, Mendonça Filho, E. J. de, & Bandeira, D. R. (2019). Desenvolvimento do Inventário Dimensional de Avaliação do Desenvolvimento Infantil (IDADI). *Psico-USF*, 24(1), 11–26. <https://doi.org/10.1590/1413-82712019240102>
- Tang, L., Zhang, Q., Zhou, W., Li, X., Wang, H., & Liang, W. (2024). Effect of online parent training in promoting language development of children with language delay in Hubei Province, China. *International Journal of Language & Communication Disorders*, 59(4), 1322–1335. <https://doi.org/10.1111/1460-6984.12983>
- Telias, A., Narea, M., & Abufhele, A. (2022). A mediation analysis to disentangle relations between maternal education and early child development. *International Journal of Behavioral Development*, 46(6), 568–575. <https://doi.org/10.1177/01650254221108143>
- Werner, E. E., & Smith, R. S. (1982). *Vulnerable but invincible: A study of resilient children*. New York, NY: McGraw-Hill.
- Yildiz, E., & Uzundag, B. A. (2024). The role of perceived social support in mitigating the impact of parenting stress on children's effortful control. *International Journal of Behavioral Development*, 48(5), 462–466. <http://dx.doi.org/10.1177/01650254241239975>
- Zhang, X., Zhang, Z., Wu, C., Huang, X., & Li, H. (2024). The home language environment and early childhood development: A LENA study from rural and peri-urban China. *Applied Developmental Science*, 28(4), 655–673. <https://doi.org/10.1080/10888691.2023.2267440>

Submetido:

Aprovado: 12/11/2025

Publicado: 30/11/2025

Autoras



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Francisca Tatiana Dourado Gonçalves

Universidade Federal do Pará; Orcid: [https://orcid.org/ 0000-0001-5414-0381](https://orcid.org/0000-0001-5414-0381); E-mail: tatyanadourado@yahoo.com.br

Maria de Nazareth Rodrigues Malcher de Oliveira Silva

Universidade Federal do Pará; Orcid: 0000-0003-4405-7378; E-mail: malchersilva@ufpa.br